

A FORMA URBANA E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO: UM ESTUDO SOBRE A EXPANSÃO URBANA DE COLATINA, ES

Vivian Albani¹

Instituto Federal do Espírito Santo - IFES e Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Vitória, Espírito Santo
Email: vivianalbani@gmail.com

Leandro Camatta de Assis²

Instituto Federal do Espírito Santo - IFES e Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Vitória, Espírito Santo
Email: leandrocammatta@gmail.com

Resumo

Este artigo trata de uma pesquisa sobre a expansão urbana de Colatina, Espírito Santo, que traz a forma urbana como elemento de estudo e que busca compreender as dinâmicas que deram suporte à produção do espaço em determinados períodos da história da cidade e que promoveram sua expansão urbana. Esta análise foi realizada por meio de levantamento de dados cartográficos e estatísticos, pelo estudo da história da cidade, pela definição de marcos temporais e pela identificação dos principais agentes e processos da produção do espaço que promoveram a expansão urbana a partir da análise da forma urbana, que utilizou o instrumento de análise de Philippe Panerai. A partir do recorte temporal delimitado, de 1890 a 2012, foram criados quatro períodos menores de análise, de acordo com características socioeconômicas e espaciais semelhantes: o período de 1890 a 1920 marca o início da ocupação da cidade que foi impulsionada pela política de imigração, de 1920 a 1960 destaca-se a expansão da produção cafeeira e a construção da ponte sobre o Rio Doce, de 1960 a 2000 verificou-se um maior aumento da população urbana em decorrência da crise na produção cafeeira e o período de 2000 a 2012 é caracterizado por uma expansão na produção de lotes urbanos. Dessa forma, identificou-se que o Estado, proprietários de terras, setores comerciais, industriais e de prestação de serviços atuaram como principais agentes da produção do espaço.

Palavras-chave: Expansão urbana; Forma urbana; Produção do espaço.

THE URBAN FORM AND THE PRODUCTION OF SPACE: A STUDY ON THE URBAN EXPANSION OF COLATINA, ES

Abstract

This paper is a study on the urban expansion of Colatina, Espírito Santo (ES), which brings urban form as an element of study and seeks to understand the dynamics that supported the production of space in certain periods of the history of the city and which promoted its urban expansion. This analysis was carried out by surveying cartographic and statistical data, by studying the history of the city, by defining time frames and by identifying the main agents and processes of the production of space that promoted urban expansion from the analysis of urban form, which used the instrument of analysis of Philippe Panerai. From the delimited time frame, from 1890 to 2012, four smaller periods of analysis were created, according to similar socioeconomic and spatial characteristics: the period from 1890 to 1920 marks the beginning of the occupation of the city that was driven by

¹ Professora do Instituto Federal do Espírito Santo e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo.

² Professor do Instituto Federal do Espírito Santo e doutorando no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo.

immigration policy, from 1920 to 1960 the expansion of coffee production and the construction of the bridge over Rio Doce, from 1960 to 2000 there was a greater increase in the urban population due to the crisis in coffee production and the period from 2000 to 2012 is characterized by an expansion in the production of urban lots. Thus, it was identified that the State, landowners, commercial, industrial and service sectors acted as the main agents of space production.

Key words: Urban expansion; Urban form; Production of space.

LA FORMA URBANA Y LA PRODUCCIÓN DEL ESPACIO: UN ESTUDIO SOBRE LA EXPANSIÓN URBANA DE COLATINA, ES

Resumen

Este artículo es un estudio sobre la expansión urbana de Colatina, Espírito Santo (ES), que trae la forma urbana como un elemento de estudio y busca comprender la dinámica que apoyó la producción de espacio en ciertos períodos de la historia de la ciudad y que promovió su expansión urbana. Este análisis se realizó mediante encuestas de datos cartográficos y estadísticos, estudiando la historia de la ciudad, definiendo marcos de tiempo e identificando los principales agentes y procesos de producción del espacio que promovieron la expansión urbana a partir del análisis de la forma urbana, que utilizó el instrumento de análisis de Philippe Panerai. A partir del marco de tiempo delimitado, de 1890 a 2012, se crearon cuatro períodos de análisis más pequeños, de acuerdo con características socioeconómicas y espaciales similares: el período de 1890 a 1920 marca el comienzo de la ocupación de la ciudad que fue impulsada por la política de inmigración, desde 1920 a 1960 la expansión de la producción de café y la construcción del puente sobre Río Doce, de 1960 a 2000 hubo un mayor aumento de la población urbana debido a la crisis en la producción de café y el período de 2000 a 2012 se caracteriza por una expansión en la producción de lotes urbanos. Así, se identificó que el Estado, los propietarios, los sectores comercial, industrial y de servicios actuaron como los principales agentes de la producción espacial.

Palabras-clave: Expansión urbana; Forma urbana; Producción de espacio.

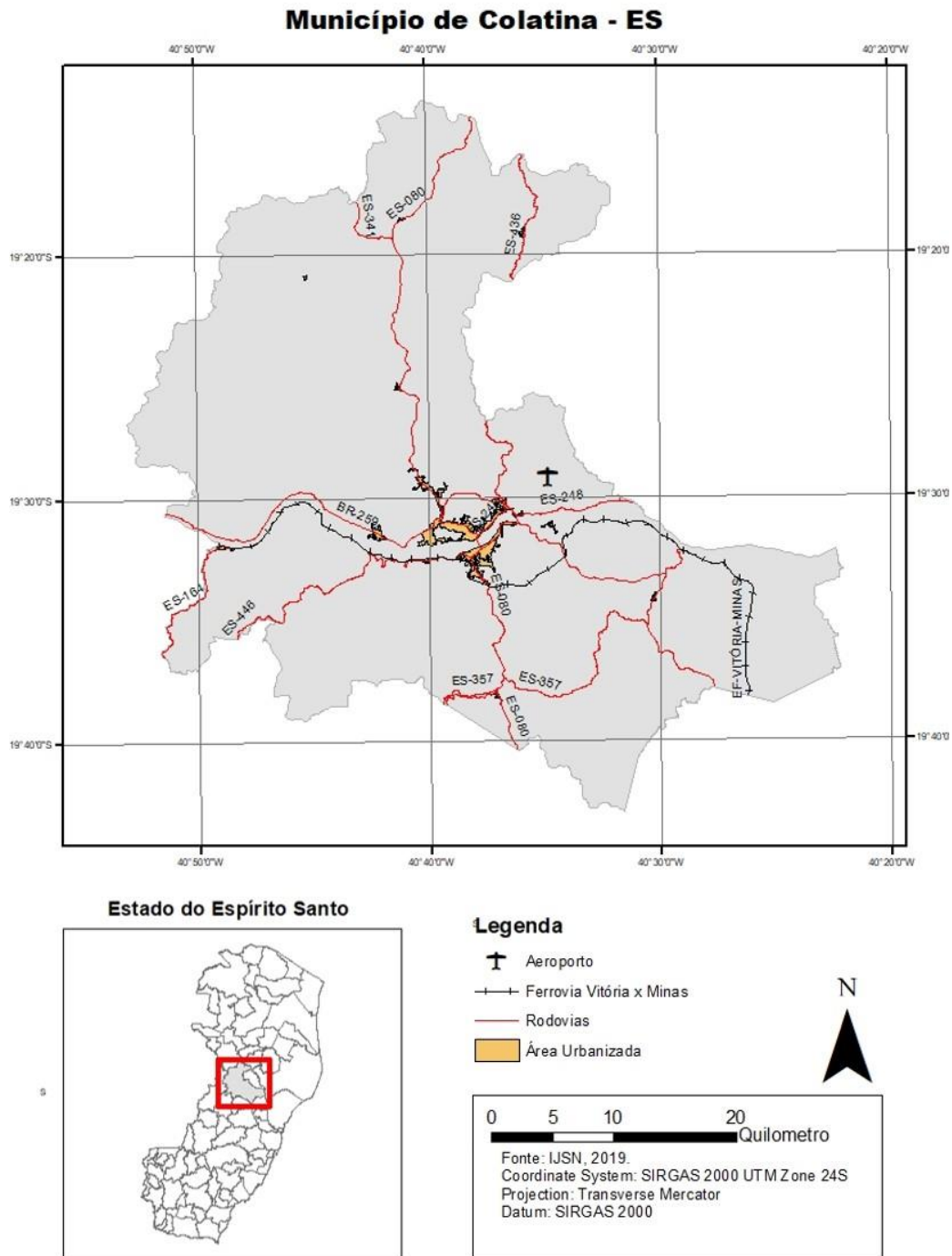
Introdução

Este artigo apresenta um estudo sobre a expansão urbana de Colatina, relacionando a forma urbana à produção do espaço. Cada período histórico inscreve na forma urbana marcas que podem ser analisadas para se compreender o processo de produção do espaço em determinado momento. O principal objetivo desta pesquisa é, a partir do estudo da forma da cidade, revelar as práticas urbanas e a sua materialização no espaço construído historicamente. Os objetivos específicos da pesquisa são: a identificação dos principais agentes que contribuiriam para a expansão urbana de Colatina e a compreensão dos processos urbanos que configuraram a forma dessa expansão.

A cidade estudada, Colatina, está localizada na região centro-oeste do estado do Espírito Santo. O município possui uma população total de 111.788 habitantes, sendo que 96.074 habitantes - 85,94% da população total - residem no distrito sede (IBGE, 2010). A infraestrutura de transporte, composta principalmente pelas rodovias ES-080 e BR-259 e pela ferrovia Vitória-Minas, associada à localização do município, contribuiu para criar

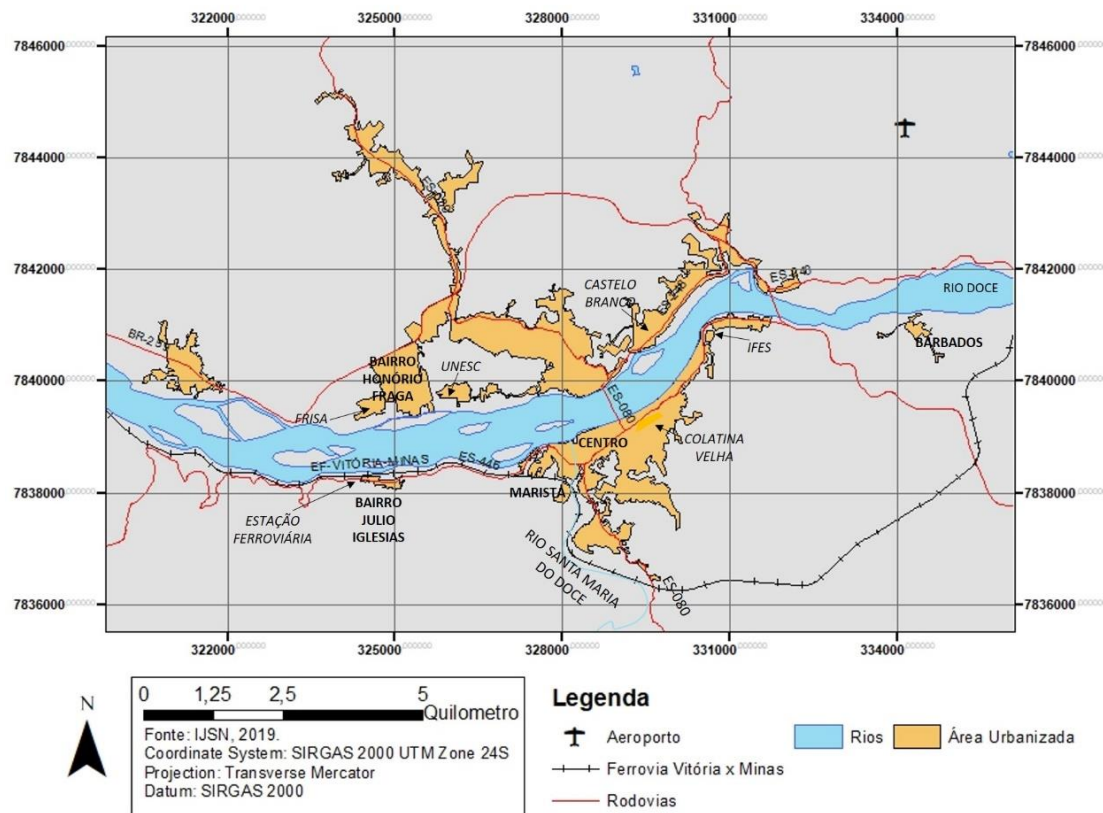
condições para Colatina tornar-se uma cidade centro regional de comércio e serviços (Figuras 1 e 2).

Figura 1. Localização do Município de Colatina com destaque para a área urbanizada e a infraestrutura



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). Elaboração: autores.

Figura 2. Cidade de Colatina com rodovias, ferrovia, área urbanizada e localização das empresas, instituições e bairros citados no texto



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). Elaboração: autores.

Colatina se destaca em posição de centralidade regional, pois concentra atividades de comércio e serviços que atendem aos municípios vizinhos da região a que pertence e também a diversos outros municípios da região norte do estado. É na cidade de Colatina que se concentram, por exemplo, as firmas responsáveis pela comercialização da produção de café de municípios vizinhos que conformam uma importante região produtora cafeeira no contexto do Espírito Santo. No que se refere à prestação de serviços, destaca-se o setor da saúde e de educação, com a presença de instituições de ensino superior públicas e privadas e uma diversidade de clínicas e hospitais.

A partir dessas características, esta pesquisa parte da hipótese de que, ao longo da história socioespacial da cidade, o Estado, proprietários de terras, comerciantes de café, setores comerciais, industriais e de prestação de serviços, enquanto agentes da produção do espaço, contribuíram para ampliações do tecido urbano que modelaram a forma da cidade. Esses agentes estão relacionados a alterações nas dinâmicas sociais e econômicas do município e à ampliação do tecido urbano impulsionada pela construção de novas

infraestruturas na cidade, como, por exemplo, uma ponte sobre o Rio Doce e inúmeros loteamentos residenciais.

Dessa forma, com o objetivo de relacionar a forma urbana com a produção do espaço, a pesquisa foi inicialmente realizada com a análise do modo da expansão urbana (contínua ou descontínua) e de elementos dessa expansão (polos, linhas, limites e barreiras) de acordo com os instrumentos de Philippe Panerai (2006). Esta análise de Colatina foi possível graças ao levantamento de dados cartográficos e estatísticos.

Após a identificação desses elementos, buscou-se relacionar a evolução dessa expansão urbana com os processos urbanos e com os agentes responsáveis por eles, a partir do estudo da história da cidade. Esses processos contribuíram para alterações nas dinâmicas socioeconômicas e na ampliação do tecido urbano e colaboraram assim, para essa expansão urbana. A partir dessa relação, o recorte temporal inicialmente delimitado, que vai do início da urbanização de Colatina, em 1890, até período mais recente, 2012, foi dividido em quatro períodos menores à medida que processos e agentes foram sendo identificados e associados com a expansão urbana de cada período.

A apresentação dos resultados, assim, leva em consideração esses períodos menores já delimitados. Para cada período são apresentados esquemas gráficos que representam a mancha urbana do período analisado e os elementos da expansão urbana identificados de acordo com a metodologia de análise de Panerai (2006). Após isso, é explanado sobre os processos e os agentes identificados na história da cidade que compreendem-se estar relacionados com a expansão urbana do período delimitado.

Diante do exposto, a estrutura do artigo está organizada da seguinte forma: a primeira seção discute a relação entre a forma urbana e a produção do espaço, em seguida, na segunda seção, é tratado da ferramenta de análise utilizada nesta pesquisa e, por fim a terceira seção que apresenta a análise da expansão urbana em Colatina nos anos de 1890 a 2012, dividido em quatro períodos menores: de 1890 a 1920, de 1920 a 1960, de 1960 a 2000 e de 2000 a 2012.

A forma urbana e a produção do espaço

O método que dirige a pesquisa reside na compreensão do espaço geográfico como socialmente produzido ou, nas palavras de Milton Santos: “Nosso enfoque é fundamentalmente baseado no fato de ser o espaço humano reconhecido, tal qual é, em

qualquer que seja o período histórico, como um resultado da produção. O ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço” (SANTOS 2004, p. 202).

Sobre a forma, Santos (1992) a considera como um arranjo ordenado de objetos, como o aspecto visível de uma coisa. Para ele, as transformações sociais, que são impostas pela produção ao longo da história, imprimem aos objetos geográficos, em suas formas, mudanças de função. A forma deve ser considerada, assim, como um resultado da produção social, pois Santos (1992) também afirma que a forma, ao ser criada para se executar determinada função, não se perde ante aos movimentos contínuos da sociedade e que, muitas vezes, a antiga forma assume novas funções frente às novas necessidades.

Também é necessário destacar que as formas do espaço e sua produção se reconfiguraram nos últimos anos com novos interesses. Para Miyazaki (2013) a análise de configurações territoriais urbanas ampara-se no domínio do processo de produção do espaço, pois essas configurações são resultantes das ações e interesses de determinados agentes. E complementa ainda que, “o entendimento da constituição das distintas formas espaciais demanda, necessariamente, a compreensão das transformações ao longo do tempo, segundo as ações e os interesses dos diferentes agentes” (Miyazaki, 2013, p. 16).

Desse modo, pode-se afirmar que as transformações sociais são entendidas segundo interesses e ações dos diversos agentes que são expressadas nas formas do espaço. Com isso, a compreensão dos processos de produção do espaço, desde a rede urbana ao espaço intraurbano, não deve ser relacionada exclusivamente a um agente específico. Corrêa (2016) menciona que esta produção é consequência de distintos agentes sociais concretos, com interesses, práticas e estratégias próprias, e que, por essa razão, são geradores de contradições e conflitos com outros segmentos sociais e com elas mesmas.

De acordo com Corrêa (2016), os agentes sociais da produção do espaço são os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos excluídos. Ainda para Corrêa (2016, p. 45) “práticas espaciais como a esterilização da terra, fragmentação e remembramento, assim como loteamentos descontínuos na periferia, podem ser comuns a diferentes agentes sociais”. Essa afirmação aponta para uma característica da produção imobiliária que está em franca expansão em Colatina, a da construção de loteamentos e os desdobramentos que se tem para a forma urbana, que será apontada na análise da terceira seção deste artigo.

De acordo com Corrêa (2016, p.44), são “os agentes que materializam os processos sociais na forma de um ambiente construído” e que “processos sociais e agentes sociais são inseparáveis, elementos fundamentais da sociedade e do seu movimento”. Devido a isso, o estudo da forma realizado nesta pesquisa identificou a atuação dos agentes e dos processos que agiram na produção do espaço e que contribuíram para a expansão urbana de Colatina em cada período, pois o estudo da forma urbana associada a análise da produção do espaço urbano revela a ação dos interesses em jogo nas cidades.

Estudo da forma urbana

O estudo da forma urbana nesta pesquisa considera a conformação física da cidade um produto das ações da sociedade sobre a modelagem do ambiente urbano ao longo do tempo. A forma é a concretização de um ou de vários processos. Assim sendo, o estudo da forma urbana contribui para se compreender a dinâmica das modificações do espaço urbano, no caso específico desta pesquisa, a dinâmica da expansão urbana horizontal da cidade. O estudo da expansão urbana permite apreendê-la de maneira dinâmica, especialmente com a utilização de uma abordagem histórico-espacial que elucida as características atuais da aglomeração.

Neste artigo, o estudo da forma urbana aproxima-se de estudos de morfologia urbana, no sentido de que associa a análise da forma urbana com processos sociais e econômicos da produção do espaço. Apesar disso, optou-se por ter como principal elemento de estudo a forma urbana, pois este é suporte metodológico da análise da expansão urbana de Philippe Panerai (2006), presente no livro “Análise urbana” e utilizado nesta pesquisa. Ou seja, esta pesquisa investiga os processos e os agentes socioespaciais produtores da expansão urbana relacionando-os à forma urbana.

A estratégia de análise do autor oferece uma possibilidade de apreensão global da expansão urbana e além disso, parte do conhecimento da forma da cidade e da reconstituição de sua história. Dessa forma, essa análise foi essencial para a compreensão da expansão da cidade de Colatina ao longo do tempo. Este instrumento utiliza ferramentas que caracterizam o modo de expansão contínua ou descontínua, que identificam elementos reguladores em linha de expansão, polo de expansão, expansão em extensão, permitindo também a identificação dos limites e barreiras à expansão, bem como a identificação da transposição de limite e transposição de barreira.

O modo de expansão contínua é caracterizado pelo crescimento da aglomeração pelo prolongamento direto de porções urbanas já construídas. Já a expansão descontínua caracteriza-se por uma ocupação mais aberta do território, a qual preserva rupturas naturais ou agrícolas entre as partes antigas e as novas expansões urbanas. Dentre os elementos reguladores, a linha de expansão é o suporte da expansão que se faz em uma direção. As linhas de expansão podem ser naturais – presentes no território antes da urbanização – ou artificiais – elementos construídos no início de uma fase de expansão. A determinação das linhas de expansão não pode ficar limitada ao estudo do traçado geométrico, pois tal processo depende também de tensões em diferentes escalas que variam com o tempo. Além disso, o papel da linha de expansão, no interior da rede urbana, não é apenas de fornecer um traçado sobre o qual irão se alinhar os elementos urbanos, mas também de ordenar o tecido urbano em suas laterais.

Para Panerai (2006), o polo de expansão é a origem, a aglomeração que desencadeou o crescimento, aquele que organiza a formação do tecido e as expansões secundárias. Muitas vezes o polo é o centro inicial da evolução da aglomeração, mesmo que outros polos possam surgir no processo de expansão. A origem do polo ocorre, muitas vezes, em lugares de passagem obrigatórios, como um cruzamento ou uma ponte ou, ainda, em locais atrativos como igrejas ou locais de atividades comerciais na estrada, que em muitas cidades são conhecidos como o centro tradicional.

A expansão em extensão ocorre mediante a combinação de várias linhas e diversas direções. Tal análise exige um aprofundamento maior na complexidade de análise do tecido urbano, pois um polo pode ser a origem de uma expansão multidirecional, composto por diversas linhas que formam uma hierarquia entre o eixo principal e as linhas secundárias.

O limite de expansão e a barreira são elementos da estrutura urbana que contêm a expansão. O primeiro, é um obstáculo a uma expansão linear que impede a sua extensão. Esse obstáculo pode ser um limite por um tempo e ultrapassado noutro momento, podendo transformar-se em um polo. Eles podem ser obstáculos “naturais” ou obstáculos “construídos”. Já a barreira é um obstáculo que contém a expansão do tecido urbano, podendo ser um obstáculo geográfico, como uma forma de relevo proeminente ou uma grande propriedade, por exemplo. É importante ressaltar que um limite ou uma barreira, quando transpostos, podem modificar o direcionamento da expansão. A transposição de

barreiras ou de limites registra uma etapa importante na expansão da aglomeração, muitas vezes, a transposição de barreiras modifica também o traçado geométrico.

É necessário frisar que a utilização desse instrumento de estudo da forma é a primeira etapa de análise dessa pesquisa. Miyazaki (2013) enfatiza que o estudo da forma do sítio urbano, por exemplo, pode abrir um caminho para que os aspectos naturais sejam compreendidos, não de maneira isolada, mas a partir da articulação da ação humana com o espaço urbano. Assim, pode-se citar que não é possível afirmar, simplesmente, que a característica da expansão da cidade de Colatina deve-se à localização da cidade no vale do Rio Doce. É preciso avaliar quais agentes e interesses estão presentes no processo de ocupação urbana que levaram à forma da expansão da cidade, como, por exemplo, a multiplicação de loteamentos que será discutida na análise.

Expansão urbana de Colatina (1890-2012)

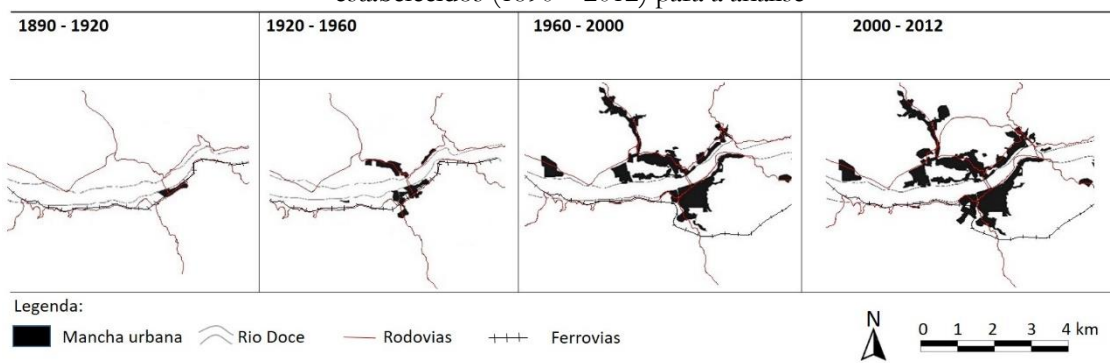
Esta seção é dedicada à análise da expansão urbana de Colatina entre os períodos de 1890 e 2012, realizada a partir das considerações sobre a relação entre forma urbana e produção do espaço, além da identificação dos principais processos e agentes que promoveram a expansão.

A partir da leitura da história da cidade e pelo estudo da forma urbana, por meio da utilização do instrumento de análise da expansão urbana de Panerai (2006), optou-se por agrupar os períodos com características semelhantes, processo que definiu quatro períodos de análise. Os elementos que balizaram os recortes temporais serão abordados em cada item específico ao recorte e foram definidos a partir de rupturas nas dinâmicas socioeconômicas e espaciais. São fatos que modificaram as dinâmicas de produção do espaço e serviram de referência para construir as relações entre as formas, estruturas e funções urbanas. Tais períodos geraram quatro mapas síntese. A definição dos recortes, por si só, já representa uma escolha de momentos sociais, econômicos e políticos relevantes segundo a ótica dos autores do presente trabalho. No entanto, tais escolhas não pretendem suprimir processos relevantes que não coincidem com os períodos definidos.

A figura 3 apresenta um mapa esquemático com a mancha urbana característica de cada período citado, que corresponde a ocupação urbana do final do período. A mancha urbana que representa o período de 1890 a 1920 corresponde a ocupação urbana do ano de 1920, por exemplo. Já a figura 4, mostra a ocupação urbana por meio de fotos aéreas da

cidade referente a cada período, nas datas indicadas nas imagens, nas quais é possível ver a evolução dessa ocupação.

Figura 3. Mapa esquemático que compara a mancha urbana da cidade de Colatina nos períodos estabelecidos (1890 – 2012) para a análise



Fonte: Prefeitura Municipal de Colatina (PMC). Elaboração: autores.

Figura 4. Fotos da cidade referentes aos períodos analisados com destaque para a Estrada de Ferro Vitória- Minas, para o Rio Doce e à primeira ponte construída sobre ele, em Colatina



Foto 1: 1907 – Estrada de Ferro Vitória-Minas e primeira aglomeração urbana em Colatina.

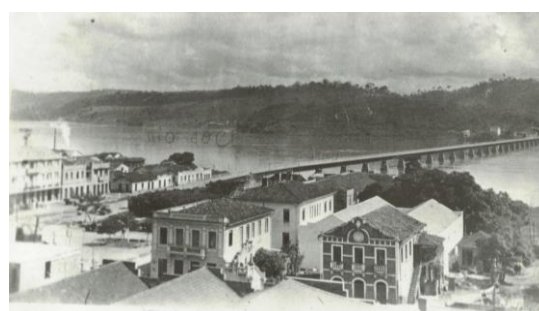


Foto 2: 1930 – Centro principal após a conclusão da ponte e margem norte ao fundo.



Foto 3: 1970 – Foto aérea com margem norte ao fundo.








Foto 4: 2015 – Foto aérea com margem norte ao fundo.

Fonte: Foto 1: <http://altairmalacarne.fotos.uol.com.br> acessado em 9 de janeiro de 2012. Foto 2: Arquivo público municipal de Colatina. Foto 3 e 4: José Luis Pizzol, publicado em Facebook: Colatina e região (ES), ontem e hoje. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/486771324675445/>, acessado em 4 de abril de 2019.

Além disso, foi proposta uma simbologia para os instrumentos de análise da expansão urbana de Panerai (2006), a fim de representar, graficamente, de forma esquemática, a evolução desta expansão ao longo dos anos. A Figura 5 apresenta a legenda que foi criada para representar os instrumentos de análise.

Figura 5. Convenção gráfica criada, de acordo com Panerai (2006) para utilização no estudo da forma urbana

Legenda:		
 Linha de expansão	 Transposição de barreira	 Pólo de expansão
 Barreira à expansão	 Expansão em extensão	

Fonte: autores.

1890-1920

No período compreendido entre o início da ocupação da cidade até a construção da ponte sobre o Rio Doce, que vai de 1890 a 1920, foram identificados um polo de expansão e uma pequena linha de expansão à margem sul do Rio Doce – este último foi uma barreira à expansão àquela época. Até aquele momento, Colatina apresentava pouca expansão urbana e a produção econômica se baseava no café produzido pelos imigrantes recém instalados no território.

São elementos que balizaram a determinação desse recorte: o marco da ocupação territorial em Colatina, a partir de loteamentos de terras ao longo do Rio Santa Maria do Doce, ao longo da década de 1890; e o que marca o fim da periodização, na década de 1920, a construção da ponte sobre o Rio Doce, que superou limitações físicas para a efetiva ocupação das terras ao norte, particularmente para a produção cafeeira.

A partir do polo de expansão, na região conhecida hoje por bairro Colatina Velha, a expansão é contínua em direção ao Rio Santa Maria, afluente sul do Rio Doce, e à estação ferroviária, ocupando as áreas mais planas próximas ao Rio Doce. A estrada de ferro Vitória-Minas, construída em 1906, colaborou para definição dessa linha de crescimento paralela ao rio. Essa linha, posteriormente, definiu a principal avenida da cidade, a Avenida Getúlio Vargas, situada no Centro. Nessa principal avenida, intensificou-se o povoamento e o surgimento de edifícios comerciais e equipamentos públicos.

Dos processos apreendidos a partir da forma urbana, nota-se como relevante a ocupação de um ponto inicial, que serviu de referência e base para os imigrantes, o chamado Barracão do Santa Maria, e a pequena expansão por extensão observado ao longo do Rio Doce. Neste processo, o início da ocupação das terras ao longo do rio Santa Maria do Doce, em razão da busca de novas terras férteis é o indutor da ocupação da cidade. Os lotes que foram distribuídos nos anos de 1890 aos imigrantes eram medidos e entregues pelo escritório localizado no barracão.

A dificuldade em se ocupar as terras ao norte do Rio Doce aponta para a necessidade de superá-lo como barreira e, mais ainda, abrir nova fronteira de terras para a produção do café. A figura 6 resume o cenário ao fim do período estabelecido.

Figura 6. Quadro resumo da análise do período de 1890 a 1920

Período	1890 a 1920	
Característica principal	Imigração, início da urbanização de Colatina e construção da estrada de ferro	
Principais agentes	Governo do estado e imigrantes	
Forma urbana - síntese	Primeiro polo de expansão e primeira linha de expansão	
Mancha urbana - Esquema gráfico	<p>Legenda:</p> <p> Mancha urbana Rio Doce Rodovias Ferrovias </p>	
<u>Legenda:</u>		
 Linha de expansão	 Transposição de barreira	 Pólo de expansão
 Barreira à expansão	 Expansão em extensão	

Fonte: autores.

No período compreendido entre as décadas de 1890 e 1920, a aglomeração concentrava-se ao sul do Rio Doce e possuía a função principal de atender aos colonos que chegavam em busca de novas terras produtivas ao norte do estado do Espírito Santo. A análise desse período indica que o principal processo de produção do espaço naquele momento foi a política de imigração. Segundo Teixeira (1974), o apoio recebido dos colonos por parte do governo do estado contribuiu para a ocupação das terras da região.

Desta forma, pode-se indicar que os agentes que atuaram na expansão da cidade no período em questão foram o governo do estado, com o incentivo à ocupação das terras e aos imigrantes que vieram se estabelecer na região. A oferta de terras pelo Estado, então, atraiu os colonos que se tornaram os agentes efetivos da produção do espaço. As atividades correlacionadas à produção cafeeira, os serviços básicos inerentes a esta produção, comercialização e transporte, em especial a possibilidade de escoamento da produção para Vitória por meio da estrada de ferro, condicionaram as primeiras características da forma urbana de Colatina.

1920 – 1960

O período de 1920 a 1960 possui como elementos norteadores para a realização do recorte temporal a construção da ponte sobre o Rio Doce em 1928, que marca uma mudança nas dinâmicas espaciais, e o consequente impulso econômico obtido por meio da produção cafeeira em expansão no período em questão. A década de 1960 é definida como fim do período por apresentar uma ruptura na dinâmica econômica do café, essencial para todo o estado, e, em especial, para Colatina, com o programa federal de erradicação dos cafezais, conforme aponta Campos Junior (2004). A conclusão da ponte Florentino Avidos sobre o Rio Doce, no fim da década de 1920, é uma transposição de barreira, conforme pode ser visto no mapa esquemático da figura 7.

Figura 7. Quadro resumo da análise do período de 1920 a 1960

Período	1920 a 1960							
Característica principal	Construção da ponte sobre o Rio Doce e a expansão da produção cafeeira							
Principais agentes	Governo do estado, proprietários de terras e comerciantes de café							
Forma urbana - síntese	Transposição de barreira e o surgimento de um segundo polo							
Mancha urbana - Esquema gráfico								
Legenda:	<table border="0"> <tr> <td> Mancha urbana</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </table>		 Mancha urbana					
 Mancha urbana								
Legenda:	<table border="0"> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </table>							

Fonte: autores.

A partir da análise da forma urbana do período, compreende-se que houve uma expansão por extensão no entorno do núcleo principal, o Barracão do Santa Maria, e o surgimento de um segundo polo, já nas terras ao norte do rio. O segundo núcleo apresenta uma dinâmica de ocupação em forma de linha de expansão no sentido da região norte do estado ao longo da ES-080 e da BR-259.

A construção da ponte teve como objetivo inicial realizar a conexão ferroviária com o município de São Mateus, ao norte do estado (TEIXEIRA, 1974). Apesar da construção da estrada de ferro não ter sido concretizada, a construção da ponte permitiu que fazendas localizadas à margem norte do rio fossem loteadas, dando origem a novos bairros.

A conclusão da ponte permitiu que atividades ligadas à produção cafeeira, em expansão na região norte do estado, se instalassem na cidade. A expansão urbana e o surgimento de uma centralidade a partir da produção do café concentraram em Colatina a rede de comércio e serviços necessárias para o desenvolvimento do setor (CAMPOS JUNIOR, 2004). Dessa forma, Albani (2012) estaca que a produção de café e toda a rede de serviços direcionada aos produtores geraram condições para uma acentuada expansão urbana.

Compreende-se então que a expansão urbana de Colatina no período entre as décadas de 1920 e 1960 aponta para a atuação do governo do estado enquanto agente que possibilitou a construção da ponte sobre o Rio Doce. A partir da construção da ponte criou-se condições para que os fazendeiros as margens do rio loteassem suas terras ao longo das rodovias ES-080 e da BR-259, sendo esses agentes diretamente ligados à expansão urbana.

O crescimento da produção cafeeira em toda a região norte do estado e a ascensão dos comerciantes de café contribuiu para que os serviços urbanos, como os de saúde e educação, além daqueles relacionados ao transporte das mercadorias, aproveitassem da concentração das pessoas na cidade para desenvolverem-se (CAMPOS JUNIOR, 2004). O crescimento observado no mapa é correlato a ação desses agentes relacionados à centralidade obtida com o comércio do café.

1960 – 2000

O recorte temporal que se inicia na década de 1960, a partir da crise cafeeira, é marcado por um processo de recomposição produtiva notadamente até a década de 2000, conforme aponta Campos Junior (2004). O encerramento do recorte ocorre em função da ascensão de um setor específico, o da produção imobiliária, que se materializa em Colatina com a construção de loteamentos urbanos a partir da primeira década do século XXI. Tal fenômeno, observado empiricamente com um aumento da mancha urbana da cidade, apresenta uma alteração nas dinâmicas do território que conferem ao recorte uma particularidade espacial.

A partir da década de 1960, houve a chamada crise do café, em que o Estado alegava que o excesso de produção e o baixo preço internacional exigia a erradicação de parte da produção. É necessário frisar que, contrariando grande parte da literatura da história econômica do Espírito Santo, Raquel Daré (2010) aponta que a real intenção do discurso

desenvolvimentista do estado, na década de 1960, era de desterritorializar a agricultura camponesa para liberar terras para introdução de monoculturas de exportação, além de liberar mão-de-obra para os grandes projetos industriais na Grande Vitória.

As consequências desse processo podem ser observadas no espaço urbano conforme o esquema de análise, presente na figura 8, que demonstra a acentuada expansão urbana que houve no período. Ao norte, a linha de expansão ao longo da rodovia ES-080, que já existia no período anterior, aumentou consideravelmente. Essa via liga Colatina a diversos municípios do norte do estado com os quais mantém relações comerciais.

Figura 8 - Quadro resumo da análise do período de 1960 a 2000.

Período	1960 a 2000	
Característica principal	Crise do café e rearranjos produtivos	
Principais agentes	Governo do estado, proprietários de terras, setores comerciais, industriais e de prestação de serviços	
Forma urbana - síntese	Ocupação das áreas ao longo das linhas de crescimento e dos núcleos Surgimento de pequenos polos	
Mancha urbana - Esquema gráfico	<p>Legenda:</p> <p> Mancha urbana Rio Doce Rodovias Ferrovias </p> <p> Linha de expansão Transposição de barreira Pólo de expansão </p> <p> Barreira à expansão Expansão em extensão </p>	
Legenda:		
 Linha de expansão	 Transposição de barreira	 Pólo de expansão
 Barreira à expansão	 Expansão em extensão	

Fonte: autores.

A outra linha de expansão, à margem norte do rio Doce, também se expandiu e promoveu uma terceira linha ao norte, paralela ao rio e em direção ao oeste, seguindo a BR-

259. Além disso, ainda na margem norte, houve o surgimento de um polo de expansão a oeste da cidade, no bairro Honório Fraga. A expansão por extensão ao longo das linhas reforça a expansão da mancha urbana no período.

Ao sul do rio Doce, a expansão por extensão na região próxima ao Barracão do Santa Maria, atual centro da cidade, também foi bastante relevante. Uma barreira para a expansão que se impunha, no período analisado, é uma fazenda que detinha grande parte das terras na região oeste do sul do Rio Doce. Conquanto tal propriedade tenha sido inicialmente parcelada em 1970, levando ao surgimento, em suas terras, do atual bairro Marista, ainda se constituía, no entanto, uma barreira, por não permitir a expansão por extensão em suas terras naquele momento. No esquema gráfico ainda se observa o surgimento de dois pequenos polos, um localizado a oeste, no bairro Julio Iglesias, e outro a leste, no bairro Barbados.

O período em questão foi caracterizado por uma grande emigração das áreas rurais de Colatina e de municípios vizinhos para os centros urbanos. Colatina, como principal aglomerado urbano da região, recebeu um incremento populacional considerável. A população da cidade que possuía 3.913 habitantes em 1940, passou para 26.757 habitantes em 1960 e para 61.120 habitantes em 1980, chegando a 96.074 habitantes em 2010.

Aproveitando-se da centralidade que a produção do café proporcionou, associado ainda ao aumento da população urbana, Colatina passou a apresentar atividades econômicas diversas como consequência da eliminação de parte das lavouras de café (CAMPOS JUNIOR, 2004). Dentre os setores que se destacaram neste rearranjo produtivo pós-crise do café, Campos Junior (2004) aponta para a pecuária (de corte e leiteira), o setor de metal-mecânica e o setor do vestuário e o moveleiro.

Além dos setores citados pelo autor, destacam-se ainda os serviços de educação e saúde ofertados no município. Colatina passou a oferecer serviços de saúde, com hospitais e clínicas de atendimento, que geram, até os dias atuais, um deslocamento da população de municípios vizinhos, cotidianamente, para a cidade. Atualmente, Colatina possui sete hospitais e um total de 262 estabelecimentos de atividades de atenção à saúde (RAIS/MTE, 2018), que atendem toda a região norte e noroeste do estado.

No setor da educação destaca-se a Faculdade Castelo Branco e o Centro Universitário do Espírito Santo (UNESC), criados na década de 1960. Sobre a criação da UNESC é importante destacar que até os dias atuais, o centro universitário demanda por habitação e comércio no bairro Honório Fraga, situado na margem norte do Rio Doce, a

oeste da cidade. Além disso, esse bairro também se expandiu após a implantação do frigorífico FRISA, também na década de 1960, e pela criação de uma diversidade de fábricas de móveis e roupas, em especial, nas décadas de 1970 e 1980.

O período compreendido entre os anos de 1960 e 1980 foi marcado por uma expansão urbana visivelmente acentuada quando comparado ao aumento da mancha urbana dos outros períodos. Pode-se destacar que o principal processo que favoreceu essa expansão foi uma reconfiguração econômica, iniciada pela erradicação dos cafezais, na qual o governo do estado aparece como principal agente e continuada pelo surgimento e expansão de novas atividades industriais, de comércio e serviços.

Destaca-se, então, o papel de antigos produtores rurais que migraram para a cidade e passaram a se dedicar a outras atividades. Não é possível afirmar que os imigrantes provenientes das antigas propriedades produtoras de café estão diretamente ligados à criação de novos serviços ou atividades industriais, de acordo com Campos Junior (2004), mas o aumento populacional na cidade criou condições para que essas atividades se desenvolvessem, juntamente com o comércio já movimentado da cidade. A diversificação das atividades econômicas, apoiadas na existência da centralidade regional de Colatina, possibilitou a ascensão de um importante setor que toma a centralidade no próximo período, o imobiliário.

2000 – 2012

O último período analisado apresenta uma evolução do cenário de rearranjo produtivo visto anteriormente. O recorte temporal se encerra no ano de 2012, pois é a data em que se encerrou a obtenção dos dados referentes à pesquisa. Na expansão urbana vista no mapa esquemático da figura 9, novas formas surgem e podem indicar caminhos para compreender o conteúdo social, econômico e político no processo de produção do espaço. Na análise da forma urbana observa-se uma expansão por extensão em regiões distantes dos polos, em especial ao longo da linha de expansão ao norte (entorno da ES-080). Ao leste, observa-se uma nova transposição de barreira sobre o Rio Doce com a construção de uma segunda ponte e uma nova linha de expansão e expansão por extensão ao longo da BR-259 (agora denominada contorno de Colatina). Ao sul do Rio Doce, o rompimento de outra barreira, a fazenda citada anteriormente, marca a expansão urbana por extensão da área.

Figura 9 - Quadro resumo da análise do período de 2000 a 2012.

Período	2000 a 2012	
Característica principal	Expansão da construção civil (loteamentos)	
Principais agentes	Governo federal e indústria da construção civil local	
Forma urbana - síntese	Expansão das áreas residenciais	
Mancha urbana - Esquema gráfico	<p>Legenda:</p> <p> Mancha urbana Rio Doce Rodovias Ferrovias </p> <p> Linha de expansão Transposição de barreira Pólo de expansão </p> <p> Barreira à expansão Expansão em extensão </p>	
Legenda:		
 Linha de expansão	 Transposição de barreira	 Pólo de expansão
 Barreira à expansão	 Expansão em extensão	

Fonte: autores.

Ressalta-se aqui o papel central que o setor imobiliário passou a exercer. Da expansão por extensão apresentada, a produção de loteamentos é mais relevante no período entre os anos 2000 e 2012, e contribuiu para o aumento da mancha urbana, sobretudo ao norte da cidade, com loteamentos e condomínios habitacionais do programa Minha Casa Minha Vida (MCMV), localizados mais distantes do centro urbano principal e com preços mais baixos.

Também ao norte do rio Doce, novos loteamentos na região ao longo do contorno de Colatina, após a abertura da segunda ponte, foram implantados e também contribuíram para a expansão nesta região. Além disso, a construção da rodovia do contorno, que retirou da região central de Colatina o tráfego de caminhões, possibilitou a implantação de algumas atividades industriais e comerciais ao longo da BR-259.

A transposição de barreira ao sul do Rio Doce, com o loteamento da fazenda que servia de obstáculo à expansão próxima ao centro principal, criou uma sucessão de loteamentos residenciais, o que ampliou a oferta de lotes com preços mais elevados e dinamizou a economia da cidade. A construção de dez loteamentos residenciais neste local, voltados para classe mais alta, incluindo um condomínio horizontal fechado, aponta para a atuação das empresas de construção locais. Aliado à produção, o incentivo a empréstimos habitacionais, como a queda nas taxas de juros para aquisição de terrenos, promovidas pelo governo federal àquela época, contribuíram também para que a expansão urbana ocorresse. Por outro lado, a expansão ao norte da cidade a partir dos loteamentos habitacionais produzidos por empresas locais, no âmbito do programa MCMV, aponta para a importância do Estado (governo federal) na função de financiador da expansão urbana.

A partir da análise do período que compreende os anos de 2000 a 2012, podemos afirmar que os principais agentes da expansão urbana foram: o Governo Federal, que promoveu o financiamento habitacional e incentivou a baixa dos juros para construção; e as construtoras locais, que construíram os loteamentos. Esta última, demonstra o poder das elites locais que, associado aos proprietários fundiários, exercem um domínio sobre os demais agentes locais. Corrêa (2017), afirma que a força da elite local, econômica e política, atua para a manutenção dos seus interesses por meio da ação do Estado, o que é observado em particular em Colatina.

Conclusões

Buscou-se nesta pesquisa compreender a expansão urbana de Colatina a partir do estudo de sua forma e apontar os processos sociais, econômicos e históricos e os principais agentes que contribuíram na produção do espaço urbano. Dessa forma, a análise do processo de expansão urbana de Colatina foi construída a partir da interação entre o estudo da forma urbana e a produção do espaço.

Com o propósito de apresentar para cada período analisado uma percepção dos processos e dos agentes que atuaram na produção do espaço, identificou-se o papel econômico de cada momento. Com isso, pode-se afirmar que a urbanização inicial de Colatina, de 1890 a 1920, deu-se, em especial, pela procura por novas terras férteis ao norte do estado do Espírito Santo, pela política de imigração e pela construção da estrada de ferro Vitória-Minas. Destacando-se o papel do governo do estado e dos imigrantes como agentes desse processo.

Após essa etapa inicial, Colatina concentrou, de 1920 a 1960, uma série de atividades inicialmente ligadas à produção do café. Aliada a isso, a construção da ponte sobre o Rio Doce possibilitou a ampliação da área urbanizada. Destaca-se a atuação do governo do estado, que foi o responsável pela construção da ponte, e dos proprietários de terras que foram responsáveis pelo loteamento de fazendas nas margens norte do rio. A ampliação da área urbanizada foi mais evidente, entretanto, no período de 1960 a 2000, em que o programa de erradicação de cafezais, por parte do Estado, provocou migração para a cidade e novas atividades econômicas tomaram força, como o comércio, os serviços e atividades industriais de metal-mecânica, móveis e vestuário.

Já no período mais recente, de 2000 a 2012, destacou-se a produção imobiliária, por meio da construção de loteamentos, como a principal responsável pela expansão urbana. Com isso, os principais agentes responsáveis por essa expansão foram o Governo Federal e as construtoras locais. Sobre a atuação dos agentes em todos os períodos analisados, pode-se destacar que o Estado representa vários papéis na produção do espaço.

Dessa forma, a prática dos principais agentes produtores do espaço urbano, ao longo dos períodos analisados, reforçou a existência de relações político-econômicas locais associados à atuação do Estado, no sentido de criar condições para a reprodução dos capitais no e do espaço urbano.

Ao analisar a forma da expansão urbana de Colatina, poder-se-ia afirmar que um fator determinante que direcionou em diversos períodos essa expansão foi a infraestrutura viária, principalmente a rodoviária desde a implantação de redes capeadas e sistemas de transporte coletivo. Esse fator contribuiu para uma expansão linear e descontínua da cidade. Essa fragmentação, entretanto, cresceu a partir dos loteamentos de novas áreas urbanas, de acordo com os interesses do capital imobiliário.

Além disso, ao se representar a aparência de um processo através de ferramentas de leitura da forma urbana abstraiu-se de caminhos pré-estabelecidos, que poderiam encobrir determinados processos socioespaciais. Sendo assim, a topografia acidentada da cidade, no vale do Rio Doce, que poderia também, por exemplo, indicar os caminhos prováveis para a expansão urbana, é apenas um aspecto do processo de produção do espaço por meio de novos loteamentos que, a partir de condições favoráveis (econômicas e políticas), encontraram áreas possíveis de fragmentar e vender com lucros vantajosos.

Por fim, é possível afirmar que a forma da expansão da cidade, em cada período analisado, representava a função que ela exercia para que determinados processos sociais e econômicos acontecessem. A atuação dos agentes mais diretamente ligados à expansão urbana foi importante para a compreensão do processo, dentre eles, a atuação do Estado, em especial o governo estadual, nos períodos iniciais, e do Governo Federal, mais recentemente, bem como a atuação das empresas locais na construção de loteamentos ou pela criação de atividades comerciais, industriais e de serviços na cidade.

Referências

- ALBANI, Vivian. **Trajetória do crescimento da cidade de Colatina**. Vitória: (Dissertação de mestrado) UFES, 2012.
- CAMPOS JUNIOR, Carlos Teixeira de. **A formação da centralidade de Colatina**. Vitória: IHGS, 2004.
- CORRÊA, Roberto Lobato. "Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão" In: **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**, por Ana Fani Alessandri CARLOS, Marcelo Lopes de SOUZA e Maria Encarnação Beltrão (orgs.) SPOSITO, 41-52. São Paulo: Contexto, 2016.
- CORRÊA, Roberto Lobato. "Cidades médias e rede urbana". Em W. R. Silva, & M. E. Sposito, **Perspectivas da urbanização: reestruturação urbana das cidades** (pp. 29-38). Rio de Janeiro: Consequência editora, 2017.
- DARÉ, Raquel. **A "crise" do café e a ideologia desenvolvimentista do Espírito Santo**. Vitória: (Dissertação de mestrado) UFES, 2010.

MIYAZAKI, Vitor Koiti. **Estruturação da cidade e morfologia urbana: Um estudo sobre cidades de porte médio da rede urbana paulista.** Presidente Prudente: (Tese de doutorado) UNESP, 2013.

PANERAI, Philippe. **Análise Urbana.** Tradução: Francisco Leitão. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método.** 3ª edição. São Paulo: Nobel, 1992.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica.** 6ª edição. São Paulo: EDUSP, 2004.

TEIXEIRA, Fausto. **Colatina ontem e hoje.** Colatina: Edição promovida pela Prefeitura Municipal de Colatina e Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, 1974.

Submetido em: julho de 2019.

Aceito em: junho de 2020.